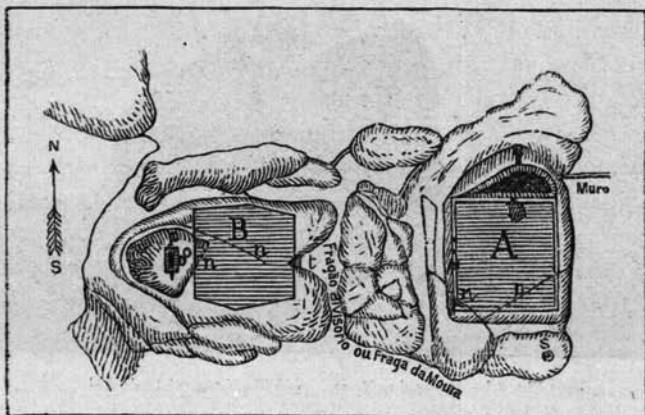


Fraga da «Moura» em Villa Nova da Torre de D. Chama

Já fallámos n-*O Arch. Port.*, III, 288-289 e VIII, 252, tanto dos «lagares dos Mouros» encontrados no districto de Bragança, particularmente nas margens do Tuella e entre este rio e o Rabaçal e a serra de Nogueira, em termos das povoações vizinhas da Torre de D. Chama, como dos de Valle de Telhas, concelho de Mirandella, e dos de Lamalonga, concelho de Macedo de Cavalleiros. Ultimamente deparei com uns vestigios numas fragas de granito junto e a poente do pequeno povoado de Villa Nova, que dista 2^{km},5 para poente de Lamalonga e que é atravessado pela estrada real que vae para a Torre de D. Chama, que devem ser tambem de um d'esses lagares. A fig. 1.^a representa as fór-



ESCALA $\frac{1}{200}$

Fig. 1.^a—Fraga da «Moura» em Villa Nova da Torre de D. Chama,
freguesia de Lamalonga, concelho de Macedo de Cavalleiros

mas e as grandezas d'esses vestigios na devida redução. Como se vê as fragas onde elles se encontram estão aos lados de uma outra mais alta a que chamam a «Fraga da Moura», como indica a fig. 2.^a que é uma photographia do local tirada de sul. Posto que muito deteriorados e gastos, destingue-se nelles ainda bem que a obra A da fig. 1.^a, que agora faz parte de uma eira de malhar pão, era um «lagar dos Mouros» em que tive a surpresa de reconhecer que as paredes, em vez de terem sido todas formadas pelos lados da cavidade, como são em todos os mais que tenho encontrado, tinham a da parte a ligada á fraga por meio de cimento, de que extrahi alguns pedaços, de uma dureza como a do gra-

nito. A sua configuração é de rectangulo e a sua profundidade actual é pequenissima, mesmo dos lados mais salientes. No fundo, em *n*, ha veios ou fendas do contacto das rochas que parece terem sido tambem tapados com cimento. Uma pequena escavação feita do lado do escoamento mostrou a existencia de um tanque, receptaculo de liquidos, no qual se empregou tambem o cimento. Em *s* ha um pequeno buraco circular evidentemente destinado a introduzir nelle qualquer cousa para o serviço do lagar. De resto encontra-se tudo muito destruido, devido ao terem apropriado o local para eira, como fizeram em Panoias, junto a Villa Real; estes vestigios parecem-se muito com alguns que vi em Panoias e que se consideram sagrados.



Fig. 2.^a — Fraga da «Moura» em Villa Nova, vista de Sul.

O cavado *B* tem as paredes tão gastas, que o fundo está quasi de nivel com a superficie da rocha, distinguindo-se apenas um sulco conforme indica a figura, não deixando ver sinaes de escoante. Esta circumstancia, a sua configuração e ter o seu fundo sido talhado ligeiramente em declive, fez-me parecer que teve destino diverso do «lagar». A junção das rochas deixam ver as fendas *n*, e em *t* notam-se indicios de degrau. Ao lado, numa saliencia da fraga, está a pequena cavidade *P* com bico para escoante e um rebaixozinho *o* levemente inclinado para o interior. É o trabalho mais distincto e completo que se nos depara nesta fraga.

Ignoro o uso d'estes trabalhos e a epoca em que foram feitos, sendo certo que neste local, como por todos estes sitios, abundam os vestigios de o homem ter por aqui estacionado em tempos remotissimos, como são machados de pedra e outros a que *O Archeologo* já se tem referido;

não falando nos da epocha luso-romana, porque esses apparecem a cada passo. O que é verdade é que por grande numero de circumstancias teem semelhanças com os já referidos de Panoias, e que a ideia que nos suggere logo ao vê-los é que foram construidos para igual fim, isto é para serviço religioso. O sinal em cruz e os indicios de outros que apresenta o fragão mais alto com estas obras devem ter relação, e como que attestam que a «Fraga da Moura» foi porventura um santuario dedicado a qualquer divindade que o tempo levou, como actualmente o canteiro vae levando o de Panoias, destruindo-o, e arrancando-lhe as cantarias para os muros das casas ou das propriedades.

Bragança, Junho de 1905.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Moeda inedita de D. Affonso V

Tem sido geral a supposição de que a officina monetaria do Porto, como independente ou subalterna da de Lisboa, não cunhou moeda de ouro durante o reinado de D. Affonso V, por não ter apparecido qualquer prova material em contrario. O chronista Rui de Pina deixou de alludir a esta materia ¹.

As marcas monetarias gravadas nas moedas tinham importancia alem d'aquella que lhes davam as casas emissoras. Em consequencia de terem circulado no reinado de D. Fernândo barbudas de baixa condição metallica, fabricadas no Porto, o publico acautelava-se e assegurava os seus interesses servindo-se dos melhores padrões monetarios, quer nos contratos de aluguer de dinheiro, quer nos de compra e venda, e não era indifferente ao conhecimento de marcas monetarias.

Não censuramos o chronista pela omissão. Ser-lhe-hia impossivel completar a resenha dos acontecimentos de uma epocha, e muito menos alludir a factos de ordem secundaria, na falta de motivo especial que os tornasse dignos de memoria.

A omissão parece-nos uma prova certa de que todo o numerario corrente no reinado de D. Affonso V, o numerario nacional, era de boa lei e cuidadosamente fabricado.

Hoje a sciencia, incansavel como é, sempre solicita em devassar o passado, procura encher vacuos, de maior ou menor grandeza, que

¹ *Chronica de D. Affonso V*, t. I, cap. xxxviii, nos *Ineditos* da Academia Real das Sciencias.